

Ulysses chega ao Congresso sob vaia de manifestantes

sexta-feira, 28/11/86 □ 1º caderno □ 5

São Paulo — Foto de Isaias Feitosa

Brasília — Passava pouco das duas horas da tarde quando o deputado Ulysses Guimarães foi vaiado, ao entrar no Congresso Nacional. Do outro lado da Casa, no gabinete do presidente da Câmara, a secretária do dr Ulysses, Dorothy, via a Polícia do Exército jogar bombas nos manifestantes e comentou. "Puxa, mas a democracia é isso?". Foi talvez a única expressão sincera de reprovação à maneira como a tropa agiu contra os manifestantes que se ouviu ontem na Câmara dos Deputados.

"Como se o mundo não estivesse caindo lá fora, os deputados fizeram o circo funcionar mais uma vez. Alguns aproveitaram o conflito de rua para colorir seus discursos. No plenário, o líder do PDS, Amaral Neto, não perdeu a deixa e descontou as críticas que seu partido sofreu quando o governo Figueiredo reprimiu as manifestações pelas diretas. 'Estão fazendo, sem o general Newton Cruz, coisas piores do que se disse que o general fazia'", proclamou o deputado.

Atônitos

Falava para a platéia porque, naquele altura, nenhum dos deputados era capaz de tomar uma atitude para conter a massa que cercava o Congresso ou as tropas que fustigavam os manifestantes. "Ir lá fora, eu? Eles me matam." A covardia partiu de um outrora inflamado agitador de massas, o deputado (derrotado na reeleição) Airton Soares (PMDB-SP). "Quem foi que chamou as tropas para o Congresso?", perguntavam sucessivamente os líderes do PT, do PDT e do PTB a um aturdido deputado Celso Peçanha (PFL-RJ), que assumiu, por ser o mais velho, a presidência dos trabalhos, na ausência de todos os membros, efetivos e suplentes, da Mesa da Câmara:

"Não fui eu quem chamou a tropa", garantiu Ulysses Guimarães quando chegou ao plenário, depois de desvencilhar-se em seu gabinete, do lavrador goiano Sebastião Fernandes de Lima, que lhe pediu — e conseguiu — um encaminhamento para ganhar um par de lentes de contato da LBA. "Vou ordenar à segurança da Casa para manter as tropas fora dos limites do Congresso", anunciou o deputado, às 15h30min. Não era mais necessário. O próprio povo havia expulsado os soldados, debaixo de paus e pedras.

Durou meia hora a encenação. Depois disso, os deputados passaram a discutir temas — para eles — mais palpítantes. O aumento dos salários dos parlamentares, por exemplo. A deputada Irma Passoni tentava aprovar um adiamento de questão de ordem para a constituinte.

O líder do PTB, Gastone Righi, esbravejou contra a petista. O Dr. Ulysses, que havia colocado o assunto em discussão,

tratou-o com máxima solenidade em curta entrevista: "Estamos tratando do funcionamento do Congresso, que é da maior importância para o povo e a sociedade", declarou.

Do general Newton Cruz e seu co-

lega João Figueiredo não havia mesmo sombra! Mas não faltou quem explodisse com a mesma contundência dos generais da Velha República. O deputado Miguel Arraes (PMDB-PE), por exemplo, de-

pois de declarar que não via "nada de extraordinário" na situação, exigiu "respeito" de um jornalista que lhe perguntava se aquela postura não seria "uma fecidegem de discurso de quem passou da oposição ao governo". Dedo em riste,

o governador eleito de Pernambuco, dis-

se que não aceitava "agressões" e se

trancou em seu gabinete, encerrando a

entrevista.

Novidades

Nos corredores e no cafezinho, parlamentares de todos os partidos dedicavam-se ao esporte da temporada: a contagem de votos. "Achei muito bom você se reeleger", disse o deputado José Machado (PFL-MG) ao petista José Genoino Neto. "Eu tenho certeza que o Mauro Campos não vai ter mais de 200 mil votos lá em Minas", garantia o pernambucano Leopoldo Bessone numa roda de mineiros.

O suplente de deputado Fernando Viegas (PFL-SC) lamentava a pouca platéia que ouviu seu "importante discurso"

sobre a construção de uma estrada de ferro em seu estado. "Falar uma coisa

importante dessas logo hoje", queixou-se

o suplente, que assumiu em junho.

Rotina quebrada mesmo, só a do

médico Renault de Mattos (o mesmo que fez parte da junta médica que atendeu Tancredo Neves). Velho funcionário acostumado a tratar de achaques de deputados, o Dr Renault teve que aplicar sete pontos na testa de uma manifestante ferida durante os tumultos. "Dia muito quente esse de hoje", comentava o médi-

co numa roda de parlamentares. Perto dele o agente de segurança Francisco Pereira perguntava, preocupado, se os manifestantes estavam quebrando os carros estacionados lá fora — o dele, inclu-

sive.

Rotina quebrada mesmo, só a do

médico Renault de Mattos (o mesmo que fez parte da junta médica que atendeu Tancredo Neves). Velho funcionário acostumado a tratar de achaques de deputados, o Dr Renault teve que aplicar sete pontos na testa de uma manifestante ferida durante os tumultos. "Dia muito

quente esse de hoje", comentava o médi-

co numa roda de parlamentares. Perto

dele o agente de segurança Francisco

Pereira perguntava, preocupado, se os

manifestantes estavam quebrando os car-

ros estacionados lá fora — o dele, inclu-

sive.